

# Editorial

# Linguística Aplicada e Literatura: interfaces e diálogos possíveis

Clézio Roberto Gonçalves\*

Vera Lopes\*\*

Nós, os que temos a responsabilidade de escrever, e tanto falo da literatura quanto do jornalismo, temos o dever de levantar a nossa língua, de cuidar dela, de fazê-la reviver.

José Saramago, 1983

Ler é, por conseguinte, um convite à reflexão, ao olhar crítico sobre o texto, mas também sobre si e sobre o mundo, e daí que, na etapa de pós-leitura, seja importante levar o leitor a reagir ao próprio texto lido (...)

Rosa Bizarro, 2008

A proposta de colocar em discussão as relações entre Linguística Aplicada e Teoria da Literatura, para esta edição da revista **Scripta**, tem razão de ser na importância de se fomentarem reflexões acerca da parceria afinada entre essas áreas teóricas distintas e no quanto essa parceria contribui para a formação do leitor, em especial da Literatura, ciente do papel das tessituras linguageiras na engenharia da produção literária.

No Brasil, o caminho percorrido por essas relações tem, entre suas manifestações iniciais, o estudo **Análise estrutural de romances brasileiros**, de Affonso Romano de Sant'Anna (1975). Nele, o crítico faz análise de obras, por exemplo, **O Cortiço**, de Aluísio de Azevedo, de forma a ilustrar o que afirma

\* Pós-doutorado em Língua e Cultura (PPGLinC/UFBA). Professor Associado de Linguística Aplicada e Língua Portuguesa do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (DELET/UFOP). Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (POSLETRAS/UFOP). Líder do Grupo de Pesquisa em Dialetoлогия e Sociogeolingüística (GPDS-UFOP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4095-6683>.

\*\* Doutorado em Literatura Comparada (UERJ). Professora Adjunta de Língua Portuguesa e Literatura na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMinas). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PPG-LETRAS/PUCMinas). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8109-6520>.

em seu outro estudo, **Por um conceito novo de Literatura**: “o Estruturalismo, dentro de suas várias manifestações, oferece instrumentos para o dismantelamento do edifício literário ortodoxo e possibilita a confecção de modelos para a produção prático-teórica” (SANT’ANNA, 1977, p. 23).

Em **Teoria da Literatura: formalistas russos**, organizado por Deonício Toledo, há discussões que tratam de priorizar a linguagem em detrimento de interpretações que se amparavam no que então se denominava como extra-literário, a exemplo a Sociologia e a Psicologia, de forma que a organização da obra como um processo que resulta no produto estético passava a ser o objeto de estudo da área.

Ao tratar desse princípio de relação entre as áreas, Lajolo (2011) a considera criticamente. Afirma que “o percurso pelo qual esta perspectiva formalista ganhou os favores dos estudos literários vinha com passaporte linguístico” e completa:

A palavra abalizada de Roman Jakobson citada por Schneiderman no Prefácio, de uma penada põe para correr a tradição dos estudos literários tal como eles se desenrolavam no Brasil, instalando em seu lugar uma vocação científica e a crença na literariedade: (...) o objeto do estudo literário não é a literatura, mas a literariedade, isto é, aquilo que torna determinada obra uma obra literária. (...) Tudo serve para os historiadores da literatura: os costumes, a psicologia, a política, a filosofia. Em lugar de um estudo de literatura, criava-se um conglomerado de disciplinas mal acabadas. (...) Se o estudo da literatura quer tornar-se uma ciência, ele deve reconhecer o processo como seu único herói (Prefácio. p. X) in (LAJOLO, p. 204)

Nesse bojo de novas e perigosas percepções da composição da obra literária e da sua correspondente teorização, a área da Linguística foi ganhando espaço, ajustada aos currículos dos

cursos de Letras e passa, de certa forma, a capitanear os estudos literários. Dela, se retiravam novas metodologias teóricas, com aval de estudiosos como Roland Barthes, de forma que, ainda conforme Lajolo,

o mesmo par de óculos do velho mestre russo que lia e desmontava competentemente o slogan político norte-americano I like Ike, desmontava e com igual competência discutia o hermético poema que se inicia afirmando que O mytho é o nada que é tudo de Fernando Pessoa (LAJOLO, 2011).

Mas esse movimento de intervenção vertical dos pressupostos da Linguística na análise/crítica/teoria do texto literário sofreu críticas de segmentos da crítica literária e, assim, espaço, embora deixando algumas heranças, como o reconhecimento de que Literatura é, como outras, uma produção da e pela linguagem. O rechaço radical daquelas condições extralinguísticas é posto em questão e elas retornam ampliadas e aprofundadas por teorias como a Estética da Recepção e leituras pelo viés do Marxismo, ideários que fomentam a percepção da Literatura como produto de práticas sociais de linguagem, com especificidades que não se restringem aos instrumentos adotados pela Linguística, embora deles possam usufruir.

Assim, Linguística e Teoria da Literatura, ao longo das décadas finais do século XX e primeiras deste século, têm sido vistas em suas diferenças, mas, inseridas ambas nos estudos da linguagem, ao mesmo tempo, aproximadas e em diálogos. Tanto é que, quando tratadas dicotomicamente, e não raras vezes isso acontece, reconhece-se o risco de perder-se a importância do saber linguístico para a compreensão da obra literária e, outra face da moeda, da construção literária como um mobilizador dos recursos da língua em sua dimensão discursiva, gramatical, pragmática etc.

Tomadas ambas, e resguardadas suas fronteiras, ante a inventividade linguística da Literatura posta no ritmo, nas vozes, na seleção árida ou musical de palavras, na expressividade da pontuação, na sonoridade que alinha ou desalinha as expressões, na evidência de manifestações sociolinguísticas vestindo personagens, espaços e tempos, fica clara a necessidade de também poder-se olhar com uma lupa a montagem do texto, essa linguagem que fala, esse modo de dizer os modos de dizer infinitos e estranhos, possibilidades nas quais a língua se faz com(o) engenho e arte.

Caetano Veloso ilustra, na materialidade da língua, a substância literária, quando nos deslumbra por meio dos versos:

Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís  
de Camões  
Gosto de ser e de estar  
E quero me dedicar a criar confusões de prosódias  
E uma profusão de paródias  
Que encurtem dores  
E furtem cores como camaleões  
(Veloso, Caetano. *Língua*. In álbum *Velô*, Philips  
Records, 1984)

Nesses versos, o compositor trata do arquitetônico exercício linguístico na feitura da obra estética, que se dá em meta-exposição: a forte imagem erótica sublimada pela suavidade sonora do verbo roçar; a discussão sintática quanto aos verbos que ligam, agora tomados de intransitividade; a prosódia na seleção vocabular da expressão “criar confusões de prosódias e uma profusão de paródias”, quase um travalinguas que aclama sotaques, ritmos, falas; a finalidade máxima da Literatura: encurtar dores, furtando cores, em sua infinita modalização.

A observação, descrição e explicação dos recursos linguísticos no texto literário desnudam, assim, a língua

transformada em arte. Com o aporte da Linguística, é possível perceber como a marca da arte verbal é a transgressão, no que fomenta o exercício da liberdade à qual, contraditoriamente, devem se submeter os estudos linguísticos, envolvidos na produção do prazer estético. Veríssimo, em sua clássica crônica “O gigolô das palavras”, afirma que “A gramática precisa que apanhar todo dia, pra saber quem é que manda”. Estendendo a frase hilária para todo o campo dos estudos linguísticos, temos, tanto na produção quanto na análise da obra literária, uma labuta que consiste em escrutinar como se mobilizam as estruturas linguísticas, as palavras em conjugações infinitas para efeitos de sentidos, nessa natureza diferenciada da relação língua-literatura. Trata-se de um procedimento de desvio de rota na aplicação trivial dos conhecimentos do plano fônico, mórfico, sintático, pragmático e semântico. Ou seja, tomando de empréstimo a nomenclatura de Deleuze e Gatarri [2], esses planos ficam desterritorializados e, materializados, passam a um novo espaço de sentidos, são reterritorializados, de maneira que a forma do conteúdo fica alterada pela forma da expressão. Nessa investigação linguístico-estética, fica ressaltada a função maior da Literatura, qual seja: a expressão da existência humana por meio da conjugação de formas e vozes, guia do homem, por meio da palavra que distorce, retorce, contorce a língua, na sua educação para o fado, conforme afirma Umberto Eco (2003).

Assim, a Literatura, considerada um evento textual, contrasta com outros atos de fala, distanciando-se de intencionalidades como informar, persuadir, conclamar... de modo que damos a ela (recebemos dela) uma outra perspectiva de leitura, voltando nossa atenção para elementos que, a princípio, não nos parecem relevantes em outros textos. São percepções inéditas, por

exemplo, entre som e sentido, entre a organização gramatical e padrões temáticos, em uma organização de linguagem peculiar.

Guimarães Rosa (1994), assim inicia o belíssimo conto “Fita Verde no Cabelo”, uma estilização do conto tradicional Chapeuzinho Vermelho:

Havia uma aldeia, em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, meninos e meninas que nasciam e cresciam. Todos com juízo suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto.

Sua mãe mandara-a com cesto e pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia. Fita-Verde partiu, sobrelogo, ela, a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas.

Daí, que, indo no atravessar o bosque, viu os lenhadores que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo (ROSA, p. 981, 1994).

No trecho, o tradicional início indefinido de contos maravilhosos, que carrega o leitor para tempos e espaços sempre dantes navegados no mundo flutuante da imaginação, se conforma em acentuada indeterminação pela presença de artigos e pronomes indefinidos: *uma, algum, todos*; adjetivação indefinida: *nem maior nem menor*; ações indefinidas: *velhar, esperar, nascer, crescer* – recriações morfossintáticas intransitivas ou assim tornadas. Essa intensidade tem sua permanência e sequência quebrada por um aposto que se constitui de um pronome demonstrativo *a* (aquela), já algo elucidativo, seguido de adjetiva restritiva, deflagrada pelo elemento coesivo referencial *que* – “*que por enquanto*”. Esta, por sua vez, uma oração incompleta, desestabiliza a leitura, porque dá ares de transitividade à locução adverbial temporal *por enquanto*,

mas sem apresentar seu complemento, colocando o leitor em sensação abismal, impondo-lhe uma sensação de presságio nefasto e propondo-lhe, como única beira de segurança, o enredo que segue a tatear.

Mais abaixo, no terceiro parágrafo, o narrador nos propõe uma triangulação de leituras – narrador, personagem, leitor –, quando nos apresenta a passagem: “viu os lenhadores que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo”. O discurso indireto livre, des/colado do/no discurso do narrador, “mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo”, nos revela que a personagem Fita Verde conhecia o lobo, e um lobo peludo. É leitora, portanto, do conto tradicional, Chapeuzinho Vermelho, e tinha, na semelhança das estórias, a expectativa de encontrar o animal, e que fosse peludo, conforme o conhecia. Infere-se isso pela inédita composição antonímica, gerada na expectativa desconhecido x conhecido, sendo este adjetivo posto em oposição àquele, porém metamorfoseado em *peludo*. Dessa proposta de leituras e leitores cruzados, faz parte o narrador, que tudo engendra numa mistura de discursos.

Ora, como adentrar no conto sem enfrentar esses arranjos linguísticos-textuais-pluridiscursivos, que convidam o leitor a adentrar nos bosques da ficção? Que quebras de expectativa são essas que colocam o leitor em trilhas de fatídica promessa?

Culler (1999, p. 37-39) afirma que

A obra literária é um evento linguístico que projeta um mundo ficcional que inclui falante, atores, acontecimentos e um público implícito (um público que toma forma através das decisões da obra sobre o que deve ser explicado e o que supõe que o público saiba). (...) (CULLER, p.37, 1999)



A convergência entre a linguagem verbal, os sujeitos nela envolvidos sociolinguisticamente, historicamente, em suas condições de produção; a percepção do texto como uma forma de conhecimento permeado pelos usos infinitos e inestimáveis da língua e de textos outros, imbricados aos da Literatura, promovem os efeitos estéticos da arte, conforme ilustra o excerto de Rosa.

Assim, a obra, sendo um pólo da enunciação, carregada de um repertório linguístico e de estratégias textuais, “esboça[r] e pré-estrutura[r] o potencial do texto; caberá ao leitor atualizá-lo para construir o objeto estético” (ISER, 1999, p. 9). Para isso, ele deve reconstruir duas estruturas: a do texto e a do ato comunicativo, percurso que presentifica o texto no leitor, pela sua consciência de re-construtor. Daí que, o processamento da leitura – interação dinâmica entre texto literário e o leitor – se dá também pelo estímulo das condições linguísticas, amparadas pela concepção de linguagem como atividade que se realiza na interação verbal, em movimentos polissêmicos, polifônicos e de variação da língua, um leque de saberes, enfim.

Sob essa condição, se constroem as obras literárias, as traduções literárias e as de Teoria da Literatura; desenvolvem-se o ensino e a aprendizagem da leitura do texto literário; reflete-se sobre produções estéticas de povos à margem, como os indígenas; constroem-se pontes entre obras oriundas de países irmanados pela língua portuguesa; etc.

Ingedore Villaça Kock, em depoimento dado para a composição da obra de Beth Brait, **Literatura e outras linguagens**, relata que, estudante de graduação e professora de 2º grau (hoje, ensino médio), afligia-se com a dicotomia entre os estudos literários e os da língua portuguesa. Narra ainda que, quando no mestrado, conheceu a área da Linguística,

que a familiarizou com a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a estilística. No doutorado, passou a estudar pragmática, linguística do texto, o que lhe possibilitou, “que maravilha: poder aliar a Linguística, que então tanto me [a] fascinava, com a pesquisa sobre o texto – todo e qualquer tipo de texto, inclusive, é claro, os literários!” (BRAIT, 2010, p.163). Por meio desses novos estudos, a cientista pôde desfazer a separação entre estudos da Língua e estudos da Literatura, compreendendo como “os primeiros traziam subsídios para melhor compreender os segundos, estes, por sua vez, muito nos poderiam ensinar sobre os primeiros” (BRAIT, 2010, p. 163).

O testemunho advoga por esta edição, a qual recebe e apresenta artigos que tratam da contribuição da linguística na tradução de textos literários, para a produção de sentido; do espaço de produção discursiva a serviço dos estudos linguísticos e dos literários; da oralidade na Língua e na Literatura, em suas possíveis aproximações; das metodologias de ensino de leitura do texto literário em interface com a Linguística, apreciadas na seleção e produção de material didático, tanto sincrônica quanto diacronicamente; da contribuição da Linguística Aplicada e da Literatura na organização curricular dos cursos de Letras, de modo a se desenhar o profissional em formação enquanto estudioso dos gêneros acadêmicos, teóricos de ambas as áreas.

Linguística Aplicada e Literatura: uma interface possível é a temática deste volume, trazendo artigos, entrevistas e resenhas que tratam do funcionamento da língua na constituição do fenômeno literário, a partir do eixo: o ensino de Literatura e de Língua.

No primeiro artigo deste dossiê, Juliano Sippel, em “Se eu digo que emudeci, nada do que eu digo estou dizendo: aspectos

do diálogo entre homem e Deus em floema, de Hilda Hilst”, analisa as categorias de tempo e aspecto, nomeadamente aspectos do pretérito perfeito do indicativo, do presente do indicativo, do gerúndio e da perífrase estar + gerúndio, no texto selecionado. Ao analisar alguns eventos desse texto como categorias aspectuais (acabadas, não acabadas, cursivas, durativas, perfectivas, imperfectivas), o autor se dedica a sistematizá-los em momentos específicos, na tentativa de encontrar uma organização textual/discursiva do confronto que ali se apresenta.

Em seguida, o artigo de Souad Bennabes e Rachid Chibane, “L’enseignement de la littérature et de la langue dans les manuels de FLE des classes d’examen en Algérie”, examina o uso de textos literários em livros didáticos de ensino da língua francesa, com o propósito de investigar se os textos literários melhoram as habilidades comunicativas e linguísticas dos alunos.

O artigo de Vanessa Lopes Lourenço Hanes, “A língua não-padrão em traduções literárias brasileiras: nova tendência ou legado histórico?”, insere-se, portanto, na intersecção entre as áreas da Sociolinguística e dos Estudos da Tradução, lançando mão também de conhecimentos de outras áreas do saber para buscar respostas, ainda que parciais, ao grande questionamento: será que as tentativas de utilização de variação no texto-alvo na tradução da variação presente no texto-fonte são realmente um fenômeno recente no universo da tradução literária das últimas décadas?

Com o trabalho, “Interfaces entre a Linguística e a Literatura: um estudo de *Madame Bovary*”, Renata Aiala de Mello mostra algumas interfaces possíveis entre os estudos linguísticos e os estudos literários, por meio de uma análise discursiva do romance **Madame Bovary**, de Gustave Flaubert. Com o arcabouço teórico da Análise do Discurso, a autora delinea as imagens de

si (*ethos*) da personagem principal, Emma Bovary.

Rita Cristina Lima Lages, em seu artigo “Língua, literatura e impressos franceses no Brasil do século XIX: práticas culturais e escolares” trata da circulação de livros, e impressos de modo geral, que circularam no Brasil no século XIX, e que foram apropriados para o ensino da língua francesa. Segundo a autora, nos primeiros momentos de escolarização do idioma, mapas que traziam os programas dos exames indicaram a utilização não só de manuais específicos, as gramáticas, como também a apropriação de obras de belas letras, de filosofia, política e economia para o ensino da língua francesa.

O artigo de Sílvio Rodrigo de Moura Rocha, “O gênero canção nos livros didáticos de literatura e língua portuguesa”, se insere na discussão sobre o Ensino de Língua e Literatura, tendo em vista que visa a discutir o papel do gênero canção na sala de aula e analisar coleções didáticas disponíveis no mercado contemporâneo brasileiro, propondo percursos possíveis com a canção em situações de ensino-aprendizagem, sobretudo no ensino médio, ao considerar o enfoque no ensino, a partir dos gêneros textuais e da formatação estética dos textos, quanto a um lugar sociocultural que a canção ocupa em nosso país.

De acordo com Fernando Danner, Leno Francisco Danner, Julie Dorrico, no artigo seguinte, “Literatura indígena entre tradição ancestral e crítica do presente: sobre a voz-práxis indígena em termos estético-literários”, a Literatura de Minorias, de um modo geral, e a Literatura Indígena, em particular, possibilitam a publicização da voz-práxis dessas mesmas minorias (nesse artigo, dos indígenas) desde uma perspectiva que intersecciona eu e comunidade-grupo e que se funda e se constitui por meio da tríade memória (enquanto comunidade e como vítima), autoafirmação (como minoria) e resistência político-cultural

(contra a marginalização, a exclusão e a violência sofridas e vividas como minorias). Em outras palavras, os autores defendem que a Literatura de Minorias e, conseqüentemente, a Literatura Indígena, se constitui diretamente como ativismo estético-literário, por meio seja da utilização da e em termos da própria vinculação à tradição comunitária, seja da voz-práxis de denúncia e de desvelamento da condição de exclusão, de marginalização e de violência vividas. Essa é, defendem os autores, uma condição fundamental para se analisar o sentido da autoria e da expressão estético-literária das minorias em geral e das produções indígenas em particular.

Em seguida, dois outros artigos, sem um compromisso maior com a temática deste número da **Scripta**, colaboram com o dossiê, trazendo questões sobre Letramento e Dialectologia. O primeiro, “Tendências da produção científica brasileira na área de letras sobre letramento acadêmico na formação de professores”, de autoria de Elisa Bragança Curi Magalhães de Souza, investiga as principais tendências da produção científica sobre letramento acadêmico na formação de professores na área de Letras, publicadas no banco de teses da CAPES, entre 2013 e 2017, visando mapear os desafios e as contribuições do debate acerca do letramento acadêmico na formação de professores. Por sua vez, Selma Selma Sueli Santos Guimarães, em seu artigo “‘Caminho de São Tiago’ ou ‘Via Láctea’: por onde passam as escolhas lexicais?”, depreende e identifica a produção de sentidos e os registros da memória discursiva subjacente aos elementos textuais-discursivos presentes nas respostas dos sujeitos a uma questão do Questionário Semântico-Lexical, utilizado para a elaboração do Atlas Linguístico do Paraná, por Vanderci Aguilera. Segundo a autora, as diversas escolhas lexicais, ao

produzir novos efeitos de sentido, constituem-se no registro da memória discursiva na qual se inscrevem os sujeitos e da qual eles se apropriam em suas interações, sustentando a ideia de que o sentido se produz em um espaço social diretamente ligado à inscrição ideológica do sujeito, pois sua voz revela esse espaço social no qual ele se inscreve.

Destacamos as duas entrevistas que são publicadas neste volume. A primeira entrevista é com Carlos Alberto Faraco, Professor Titular (aposentado) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), realizada por Felipe Almeida Gomes, abordando uma questão primordial: os estudos bakhtinianos na interface entre filosofia e ciências da linguagem. O professor Faraco, nesta entrevista, defende que Bakhtin foi, de fato, um grande filósofo, dialogou com várias tradições filosóficas e formulou respostas muito inovadoras e heurísticamente poderosas sobre linguagem, estética, literatura e cultura.

A segunda entrevista é com Márcia Marques de Moraes, Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMinas), realizada pelos organizadores deste volume, Vera Lopes da Silva e Clézio Roberto Gonçalves. É um bate-papo reflexivo sobre a relação entre leitura literária e ensino, a partir de Guimarães Rosa, e passeando, também, por nomes da Literatura Brasileira, prosa e poesia, como Bernardo Carvalho, Chico Buarque, Drummond, Murilo Rubião, Henriqueta Lisboa, Florbela Espanca e outros. A entrevista aborda questões sobre os atos de leitura, estudos pelos quais se compromete com a formação de professores, orientando-os sobre o fazer literário não só em sua constituição, como também nos procedimentos estéticos que podem ser processados no ensino e na aprendizagem dessa modalidade de texto em sua materialidade em língua portuguesa.

Duas resenhas fecham este volume. Clézio Roberto Gonçalves e Elaine da Fonseca Ramos apresentam o livro **A Linguística, o texto e o ensino da língua**, autoria de José Carlos de Azeredo, publicado pela Editora Parábola, em 2018. Segundo os resenhistas, o livro reafirma a importância da palavra como base de qualquer ensino, uma vez que é na posse e no uso da língua que se reconhece o modo de ser do sujeito. Além disso, em todos os capítulos do livro, o autor demonstra que o texto é composto por palavras (objeto) e é, também, objetivo do ensino de língua materna. Nessa resenha, é destacada a posição do autor que defende que o homem, para viver em sociedade, necessita da palavra, ou seja, ela é indispensável. O valor da palavra vai muito além de ela ser um simples instrumento da linguagem, isto é, apenas para os seres humanos se comunicarem entre si. Pelo fato de ela ser inerente ao homem, a linguagem não se explica em termos naturais. Ela tem fundamento no universo social, porque se integra a fenômenos culturais aprendidos no decorrer da vida.

A outra resenha, “Isolamento e porosidade do personagem em Heróis e figurantes, de Enrico Testa”, elaborada por Pedro Barbosa Rudge Furtado, é uma análise crítica do livro de Enrico Testa, **Heróis e figurantes: o personagem no romance** (2019), publicado pela Editora Rafael Copetti. A resenha propõe reflexões, acerca da categoria narrativa destacada, na Literatura, senão contemporânea – a depender da dimensão temporal e formal abraçada por casa pesquisador no intuito de definir os parâmetros do que é Literatura Contemporânea – mais próxima aos nossos dias atuais, compreendendo prosas dos anos de 1980 e 1990, como de Paul Auster, Ian McEwan, Javier Marías entre outros. Somada à observação desses autores, há a de literatos

considerados clássicos do século XIX e, especialmente, do século XX.

Nesse conjunto de artigos, entrevistas e resenhas, questões que põem em evidência faces e interfaces da Linguística Aplicada e da Literatura, em suas especificidades e em diálogo, promovem saberes que contribuem para os profissionais, cientistas, tradutores, analistas, críticos das duas áreas; e, ainda, àqueles que se dedicam à sala de aula, possibilitando-lhes formas de ensino e de aprendizagem da leitura do texto literário mediada pelos conhecimentos linguísticos bem como a formação de leitores da Literatura com performance apurada.

Vamos a eles!

## Referências

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1971.

BIZARRO, Rosa. Linguística e literatura: uma relação produtiva na aula de língua estrangeira. In: OLIVEIRA, Fátima; DUARTE, Isabel Margarida. **O fascínio da linguagem**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008, p. 355-364.

BRAIT, BETH. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca, 1999.

DELEUZE, G.; GUATTARI, Kafka. **Por uma literatura menor**. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

ECO, Umberto. A literatura contra o efêmero. In: ECO, Umberto.



**Sobre a literatura.** Rio de Janeiro, Record, 2003.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura:** uma teoria do efeito estético. São Paulo: Ed. 34, 1999, v.2.

LAJOLO, Marisa. Literatura, linguística e linguagem: uma questão de diferença. **Revista da ABRALIN**, v.10, n.2, p. 197-210, jul./dez. 2011.

ROMANO DE SANT'ANA, Affonso. **Análise estrutural de romances brasileiros.** 4. ed. Petrópolis (RJ) : Vozes, 1975.

ROMANO DE SANT'ANA, Affonso. **Por um conceito de literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1977.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa em dois volumes.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SARAMAGO, José. **Jornal de Letras, Artes e Ideias, Lisboa,** n.50. 18/01/83 (entrevista a Fernando Dacosta)

TOLEDO, Deonísio de Oliveira (org.). **Teoria da literatura:** formalistas russos. 3. ed. Porto Alegre, 1976.

VELOSO, Caetano. *Língua.* In álbum Velô, Philips Records, 1984.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. O gigolô das palavras. Disponível em: <<https://docs.google.com/r?a=v&pid=sites&srcid=aWN0LnVmdmptLmVkdS5icnxhbmRyZWNVdnJlfGd4OjcxMzNjZTIyYmlyNDcwZQ>> Acesso em: 31 mai. 2020.